

INFLAÇÃO

Análise e projeções de inflação

Sumário

Ao longo do último trimestre, os dados de inflação ao consumidor mostram que, apesar do aumento mais expressivo dos preços na margem, o processo de desinflação na economia brasileira segue em curso. Em maio, após sete quedas consecutivas, a inflação acumulada em doze meses, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), voltou a acelerar, registrando taxa de 3,93%, repercutindo, especialmente, uma alta mais forte dos alimentos no domicílio. Deve-se ressaltar, no entanto, que metade da inflação de 0,66% da alimentação no domicílio apontada no IPCA em maio deve-se ao aumento de 3,6% dos alimentos registrado em Porto Alegre. Dessa forma, embora nos próximos meses se verifique uma aceleração da inflação ao consumidor em doze meses, a perspectiva de uma alta de preços em 2024 abaixo da registrada em 2023 ainda se mantém.

A abertura da inflação por categoriais mostra que a alta de 5,1% dos serviços livres se constituiu no maior foco de pressão inflacionária nos últimos doze meses. Em que pese o comportamento um pouco mais favorável, nos meses mais recentes, a inflação de serviços ainda se mantém em patamar elevado, pressionada, em grande parte, pela alta dos preços dos serviços pessoais e de recreação. No caso dos alimentos, embora ainda se verifique uma deflação de preços no atacado, a velocidade de recuperação dos preços agrícolas vem surpreendendo negativamente, gerando uma pressão sobre os preços ao consumidor acima da esperada. Se nos últimos doze meses a inflação de 3,3% da alimentação no domicílio ainda se beneficia estatisticamente das taxas mais amenas ocorridas em 2023, no acumulado de 2024, este segmento já registra alta de 5,1%. Em contrapartida, os preços administrados mostram trajetória de sucessivas desacelerações, cujo ritmo vem se mostrando mais forte que o projetado, de modo que a inflação desse segmento em doze meses já havia recuado de 9,1%, em dezembro, para 6,1%, em maio. Por fim, apesar de já se verificar uma recomposição mais forte dos preços dos bens industriais no atacado, no varejo, a taxa de inflação em doze meses desse segmento segue em desaceleração, registrando alta de apenas 0,4% em maio.

Nota-se, no entanto, que embora o impacto mais significativo das fortes chuvas sobre os preços dos alimentos já tenha ocorrido, a expectativa para os próximos meses é que este grupo continue pressionando o IPCA, tendo em vista que a alta mais restrita, inicialmente, aos produtos *in natura* deve se estender ao longo da cadeia produtiva, atingindo também os alimentos processados. Adicionalmente, além da recomposição dos preços industriais no atacado e da desvalorização cambial de 8,3% – contabilizada, no ano, até maio –, a demanda interna aquecida, fomentada pela expansão da massa de rendimentos, deve manter os preços dos bens de consumo e dos serviços pressionados, limitando, por conseguinte, espaço para novas desacelerações da taxa

Maria Andréia Parente Lameiras
Técnica de planejamento e pesquisa da
Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marcelo Lima de Moraes
Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

marcelo.moraes@ipea.gov.br

Divulgado em 28 de junho de 2024.



de inflação. Dessa forma, a tendência para os próximos meses é de manutenção da inflação em doze meses em patamares próximos aos observados atualmente.

Nesse contexto, conjugando uma alta mais acentuada dos alimentos, compensada por uma melhora no desempenho dos preços administrados e dos serviços livres, as projeções inflacionárias feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea para 2024 foram mantidas em 4,0% para o IPCA, e em 3,8% para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). No caso do IPCA, a projeção para a inflação de alimentos avançou de 4,1% para 5,9%. Em contrapartida, a estimativa para os serviços livres recuou de 4,8% para 4,6%, refletindo uma alta mais amena dos serviços de educação e transportes. No mesmo sentido, para os preços administrados, diante dos reajustes menos intensos da energia elétrica, dos ônibus urbanos e dos planos de saúde, a projeção de alta desse segmento recuou de 4,4% para 4,0%. Já para os bens industriais, a inflação prevista para o ano foi mantida em 2,1%, sinalizando uma retomada de preços mais intensa no segundo semestre.

Deve-se registrar, no entanto, que não se deve descartar a ocorrência de um conjunto de fatores que pode contaminar negativamente o ambiente inflacionário ao longo dos próximos meses. Pelo lado externo, além de uma expansão mais forte da demanda internacional, o agravamento das tensões geopolíticas pode gerar novos efeitos altistas sobre as *commodities*, impactando ainda mais os custos de produção e, por conseguinte, os preços finais. Pelo lado doméstico, destaca-se que o crescimento da atividade econômica brasileira acima do esperado em 2024 pode desencadear pressões inflacionárias adicionais, sobretudo sobre o setor de serviços. De fato, diante das condições mais apertadas do mercado de trabalho, o efeito do aumento do nível de atividade sobre os salários impactaria negativamente os custos de produção, em especial em segmentos de menor produtividade e altamente intensivos em mão de obra. Adicionalmente, a expansão da massa salarial em ritmo acima do observado recentemente proporcionaria um crescimento ainda mais intenso da demanda interna, pressionando também os preços dos bens de consumo. Finalmente, uma possível deterioração do ambiente fiscal nos próximos meses pode acarretar novas desvalorizações cambiais, gerando impactos altistas adicionais sobre os preços comercializáveis.

1 Inflação: aspectos gerais e projeções

Em maio, após sete quedas consecutivas, a inflação acumulada em doze meses, medida pelo IPCA, voltou a acelerar, registrando taxa de 3,93%, repercutindo, especialmente, uma alta mais forte dos alimentos no domicílio. Deve-se registrar, entretanto, que metade da inflação de 0,66% da alimentação no domicílio registrada no IPCA em maio deve-se ao aumento de 3,6% dos alimentos registrado em Porto Alegre.

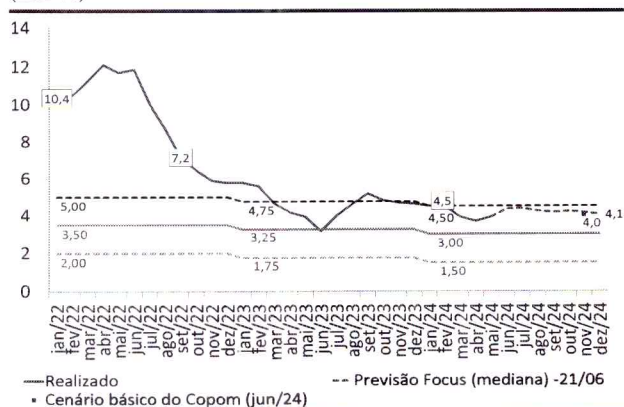
Por certo, embora o impacto mais significativo das fortes chuvas sobre os preços dos alimentos já tenha ocorrido, a expectativa para os próximos meses é que este grupo continue pressionando o IPCA, tendo em vista que a alta mais restrita, inicialmente, aos produtos *in natura*, deve se estender ao longo da cadeia produtiva, atingindo também os alimentos processados. Adicionalmente, além da recomposição dos preços industriais no atacado, a demanda interna aquecida, fomentada pela expansão da massa de rendimentos, deve manter os preços dos bens de consumo e dos serviços pressionados, limitando, por conseguinte, espaço para novas desacelerações da taxa de inflação. Dessa forma, a tendência para os próximos meses é de manutenção da inflação em patamares próximos aos observados atualmente. Com efeito, tanto as expectativas de mercado – retratadas no relatório Focus, do Banco Central do Brasil (BCB) – quanto o cenário base definido pelo Comitê de Política Monetária (Copom), em maio, sinalizam que a inflação medida pelo IPCA deve ficar em torno de 4,0%, em 2024 (gráfico 1), abaixo, portanto, da registrada em 2023 (4,6%).

Nota-se, no entanto, que ao contrário da aceleração registrada pelo índice cheio, em maio, as medidas de núcleo da inflação seguem em trajetória de desaceleração (gráfico 2). Todavia, mesmo diante de um cenário mais bem-comportado, na média, os núcleos de inflação ainda se mantêm em níveis acima dos desejáveis, tendo em vista as metas de inflação estabelecidas, indicando que o processo de descompressão inflacionária requer atenção.

GRÁFICO 1

IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses e metas de inflação

(Em %)



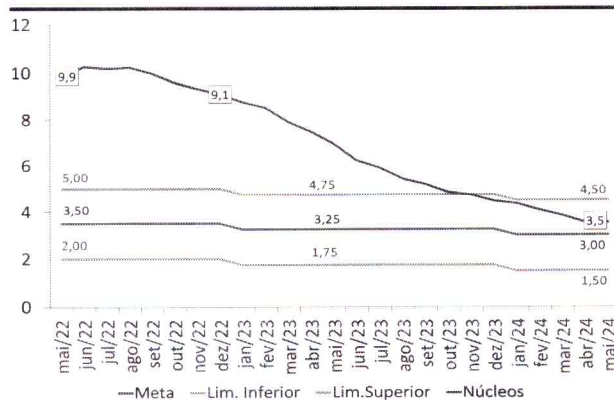
Fonte: IBGE; BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2

IPCA: média de núcleos acumulada em doze meses

(Em %)



Fonte: IBGE.

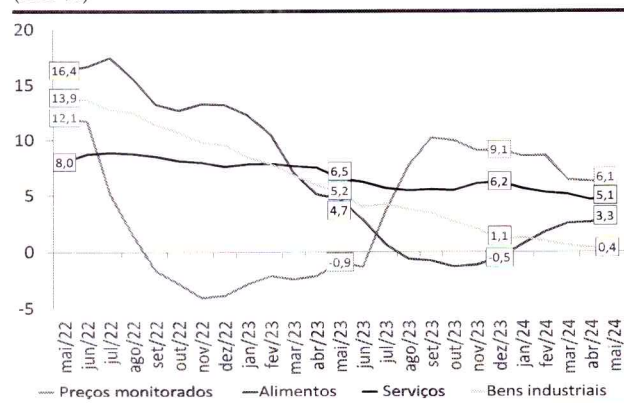
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A desagregação da inflação por categoriais mostra que, apesar de apresentarem uma taxa de variação menor que a dos preços administrados, a alta de 5,1% dos serviços livres se constituiu no maior foco de pressão inflacionária nos últimos doze meses, em função do peso desse grupo no IPCA (gráfico 3). De fato, em que pese o comportamento um pouco mais favorável nos meses mais recentes, a inflação de serviços ainda se mantém em patamar elevado, pressionada, em grande parte, pela alta dos preços de serviços pessoais e recreação. Em contrapartida, após encerrar 2023 com uma alta acumulada de 9,1%, os preços administrados iniciaram um processo de sucessivas desacelerações, cujo ritmo vem se mostrando mais forte que o projetado, de modo que, em maio, a inflação desse segmento em doze meses já havia recuado para 6,1%. No caso dos alimentos, verifica-se que, embora ainda haja uma deflação de preços no atacado, a velocidade de recuperação dos preços agrícolas vem surpreendendo negativamente (gráfico 4), gerando uma pressão sobre os preços ao consumidor acima da esperada. Por conseguinte, de janeiro a maio, a alta dos alimentos, medida pelo IPCA, já chega a 5,1%. Por fim, apesar de já se verificar uma recomposição mais forte dos preços dos bens industriais no atacado (gráfico 4), no varejo, a taxa de inflação em doze meses desse segmento segue em desaceleração, apontando alta de apenas 0,4%, em maio.

GRÁFICO 3

IPCA por categorias: taxa de variação acumulada em doze meses

(Em %)



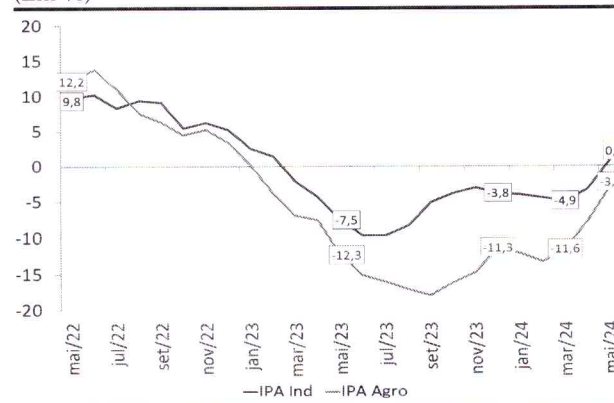
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4

Índice de Preços por Atacado (IPA): taxa de variação acumulada em doze meses

(Em %)



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A alta dos preços no atacado é resultante do aumento dos custos de matérias-primas, refletindo tanto a aceleração das cotações das *commodities* no mercado internacional quanto a recente desvalorização cambial (gráfico 5). No acumulado do ano, as *commodities* metálicas registram alta de 21,6%, enquanto as agrícolas apresentam variação mais amena (5,0%). A desvalorização cambial observada entre janeiro e maio, por sua vez, já chega a 8,3%.

Nesse contexto, marcado por uma alta mais acentuada dos alimentos, que é compensada por uma melhora no desempenho dos preços administrados e dos serviços livres, as projeções inflacionárias feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea para 2024 foram mantidas em 4,0% para o IPCA e em 3,8% para o INPC. No caso do IPCA (tabela 1), a projeção para a inflação de alimentos avançou de 4,1% para 5,9%, impactada pelos aumentos acima dos previstos nos primeiros cinco meses do ano, além das pressões adicionais para os próximos meses oriundas da alta mais forte dos preços no atacado e da desvalorização cambial. Em contrapartida, a estimativa para os serviços livres recuou de 4,8% para 4,6%, refletindo uma alta mais amena dos serviços de educação e transportes. No mesmo sentido, para os preços administrados, diante dos reajustes menos intensos da energia elétrica, dos ônibus urbanos e dos planos de saúde, a projeção de alta desse segmento recuou de 4,4% para 4,0%. Para os bens industriais, a inflação prevista para o ano foi mantida em 2,1%, sinalizando uma retomada de preços mais intensa no segundo semestre, decorrente da aceleração dos preços das *commodities* metálicas e da taxa de câmbio.

TABELA 1
IPCA: projeção para 2024
(Em % e p.p.)

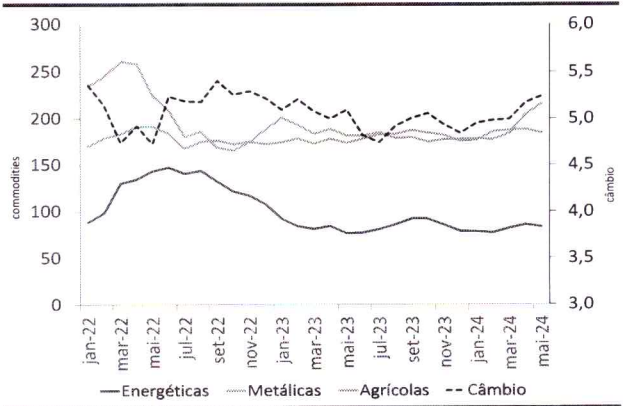
	Peso	Projeção anterior - Março/24		Projeção atual - Junho/24	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2024	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2024
Alimentos no domicílio	16,0	4,1%	0,7	5,9%	0,9
Bens industriais	23,5	2,1%	0,5	2,1%	0,5
Serviços - totais	34,6	4,8%	1,7	4,6%	1,6
Serviços - exceto educação	29,7	4,6%	1,4	4,4%	1,3
Educação	5,0	6,3%	0,3	6,1%	0,3
Administrados	25,9	4,4%	1,1	4,0%	1,0
IPCA	100,0	4,0%		4,0%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De modo semelhante, a previsão de alta dos alimentos no INPC em 2024 saltou de 4,4% para 6,0%, ao passo que a alta projetada para os serviços livres e para os preços administrados recuaram de 4,8% e 4,2% para 4,3% e 3,8%, respectivamente (tabela 2). Em relação aos bens industriais, a projeção foi mantida em 1,9%.

Por fim, é preciso salientar a existência de um balanço de riscos para a inflação brasileira em 2024, balizado pela ocorrência de fatores que podem atenuar o processo de descompressão dos índices de preços. Pelo lado externo, além de uma expansão mais forte da demanda internacional, o agravamento das tensões geopolíticas pode gerar novos efeitos altistas sobre as *commodities*, impactando ainda mais os custos de produção e, por conseguinte, os preços domésticos. Já em relação aos fatores internos, destaca-se que o crescimento mais robusto da atividade econômica brasileira em 2024 pode desencadear pressões inflacionárias adicionais, sobretudo sobre o setor de serviços. De fato, diante das condições mais apertadas do mercado de trabalho, o efeito do aumento do nível

GRÁFICO 5
Índice de *commodities* e taxa de câmbio
(Em US\$)



Fonte: BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: Dez./2005=100 e taxa de câmbio R\$/US\$.

de atividade sobre os salários impactaria negativamente os custos de produção, principalmente em segmentos de menor produtividade e altamente intensivos em mão de obra. Adicionalmente, a expansão da massa salarial permitiria um crescimento ainda mais intenso da demanda interna, pressionando também os preços dos bens de consumo. Finalmente, uma possível deterioração do ambiente fiscal nos próximos meses pode acarretar novas desvalorizações cambiais, pressionando ainda mais os preços comercializáveis.

TABELA 2

INPC: projeção para 2024

(Em % e p.p.)

	Peso	Projeção anterior - Março/24		Projeção atual - Junho/24	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2024	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2024
Alimentos no domicílio	19,5	4,4%	0,9	6,0%	1,2
Bens industriais	26,7	1,9%	0,5	1,9%	0,5
Serviços - totais	28,5	4,6%	1,4	4,3%	1,2
Serviços - exceto educação	25,0	4,3%	1,1	4,1%	1,0
Educação	3,5	6,1%	0,3	6,1%	0,2
Administrados	25,3	4,2%	1,1	3,8%	0,9
INPC	100,0	3,8%		3,8%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Inflação de alimentos

Os dados mais recentes mostram que, embora já esperada, a alta dos alimentos no domicílio, em 2024, vem surpreendendo negativamente, repercutindo, sobretudo, os efeitos climáticos do fenômeno El Niño sobre a produção de alimentos *in natura*. Por conseguinte, no acumulado do ano, até maio, a inflação dos alimentos no domicílio já chega a 5,1%, bem acima do observado no mesmo período de 2023 (tabela 3).

TABELA 3

IPCA: alimentos no domicílio por segmentos

(Variação acumulada no ano, em %)

	Jan.-Mai./23	Jan.-Mai./24
Alimentação no domicílio	1,23	5,09
Cereais, leguminosas e oleaginosas	7,74	7,74
Farinhas, féculas e massas	3,34	0,04
Tubérculos, raízes e legumes	-7,17	33,87
Açúcares e derivados	3,59	1,73
Hortaliças e verduras	22,90	9,53
Frutas	2,55	11,25
Carnes	-3,88	-2,43
Pescados	3,71	2,72
Carnes e peixes industrializados	0,68	0,18
Aves e ovos	-1,60	4,30
Leite e derivados	6,81	5,53
Panificados	3,40	0,96
Óleos e gorduras	-10,47	1,77
Bebidas e infusões	2,73	5,38
Enlatados e conservas	2,70	-0,05
Sal e condimentos	1,56	7,52

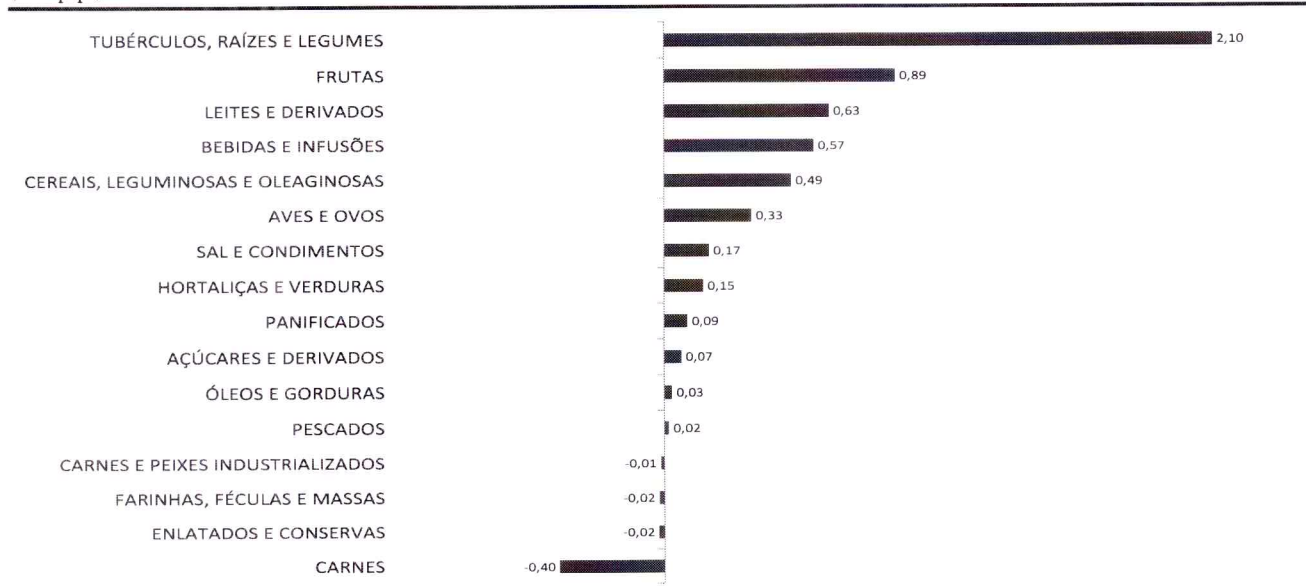
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Os dados desagregados mostram que, nos cinco primeiros meses do ano, as principais contribuições à inflação dos alimentos (gráfico 6) vieram especialmente dos tubérculos, raízes e legumes (2,1 p.p.) e, em menor proporção, das frutas (0,89 p.p.) e dos leites e derivados (0,63 p.p.). Em contrapartida, a queda dos preços das carnes se constituiu em um fator de alívio inflacionário.

GRÁFICO 6

Alimentos no domicílio: contribuições à inflação acumulada no ano
(Em p.p.)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Desta forma, tendo em vista que o comportamento dos preços dos alimentos registrado nos primeiros meses do ano se mostrou menos favorável que o projetado anteriormente e levando-se em consideração que o aumento nos preços das matérias-primas agrícolas, especialmente do trigo e do milho, deve gerar alguma pressão sobre os custos de produção dos alimentos processados, as projeções para a inflação deste segmento, feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea, em 2024, foram revistas para cima. Por certo, mesmo diante da expectativa de um desempenho ainda melhor para as carnes ao longo do ano, a alta projetada para os alimentos no domicílio no IPCA em 2024 avançou de 4,1% para 5,9% (tabela 1), ao passo que a estimada no INPC passou de 4,4% para 6,0% (tabela 2).

3 Inflação de bens e serviços

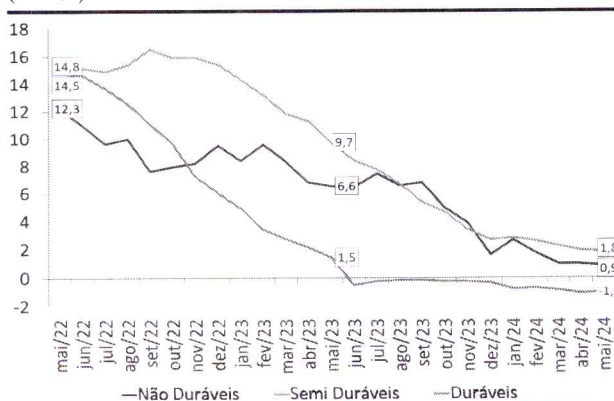
Assim como vem ocorrendo desde abril de 2022, a inflação dos bens industriais registra trajetória de constante desaceleração, de modo que, no acumulado em doze meses, até maio, a alta de preços apontada neste segmento é de apenas 0,4%. Nota-se, no entanto, que embora todos os subgrupos que compõem este conjunto de produtos estejam apresentando desempenhos bastante favoráveis, a principal contribuição à desinflação deste segmento vem dos bens de consumo duráveis, com deflação de 1,0% no acumulado em doze meses até maio (gráfico 7).

Os dados desagregados revelam que, nos últimos doze meses, a queda dos bens duráveis reflete, especialmente, o recuo de 2,8% dos preços dos eletroeletrônicos. Já para os bens de consumo semiduráveis e não duráveis,

GRÁFICO 7

IPCA: bens de consumo industriais – variação acumulada em doze meses

(Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

os principais pontos de alívio inflacionário, no período, vieram das quedas dos utensílios e enfeites para casa (-3,5%) e dos artigos de limpeza (-3,1%), respectivamente. Em relação à inflação acumulada no ano (tabela 4), observa-se que todos os segmentos pesquisados apresentaram, em 2024, taxas de crescimento de preços abaixo das registradas no mesmo período de 2023.

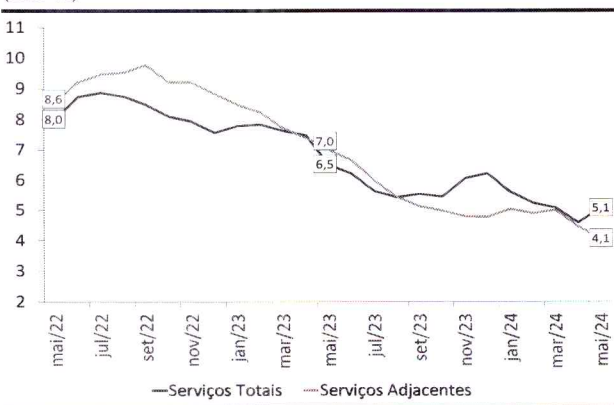
TABELA 4
IPCA: bens de consumo industriais por segmentos
(Variação acumulada no ano, em %)

	Jan.-Mai./23	Jan.-Mai./24
Bens de consumo duráveis	0,7	0,1
Mobiliário	2,1	0,1
Eletroeletrônicos	-1,4	-1,5
Automóveis	2,2	1,3
Motocicleta	2,0	1,2
Bens de consumo semiduráveis	1,5	0,6
Utensílios e enfeites	0,7	-1,4
Cama, mesa e banho	2,5	-0,7
Vestuário	1,1	0,8
Bens de consumo não duráveis	3,2	2,4
Artigos de limpeza	2,6	-1,7
Artigos de higiene	4,0	3,0

Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso dos serviços livres, os dados revelam que, mesmo diante de certa resiliência, a inflação deste grupo vem apresentando um recuo gradativo. De fato, a análise dos serviços adjacentes (gráfico 8), que exclui do conjunto total de serviços aqueles itens com maior volatilidade (passagem aérea, hotel, excursão, empregada doméstica, mão de obra residencial, cursos, internet e TV a cabo), observa-se que, de maio de 2023 a maio de 2024, a inflação acumulada em doze meses recuou de 7,0% para 4,1%. Já em relação ao total dos serviços, a queda verificada foi um pouco menos intensa, de 6,5% para 5,1%, pressionada, sobretudo, pelos reajustes dos serviços pessoais e de recreação (5,2%) e de educação (6,7%), como mostra o gráfico 9.

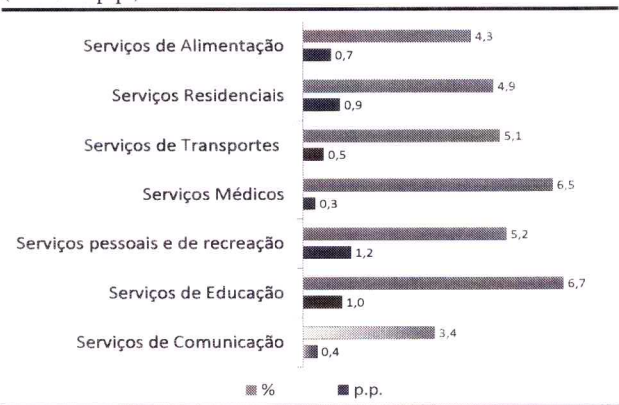
GRÁFICO 8
IPCA: inflação de serviços livres acumulada em doze meses
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já no acumulado do ano, até maio, a inflação dos serviços registra alta de 1,6%, mantendo-se 1,1 p.p. abaixo da taxa registrada no mesmo período de 2023, beneficiada, especialmente, pela melhora no comportamento dos serviços de transportes e de educação (tabela 6). No primeiro caso, a queda de 36% das passagens aéreas este ano

GRÁFICO 9
IPCA: inflação de serviços livres acumulada (jun/23-mai/24)
– variação e contribuição
(Em % e p.p.)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

foi bem mais acentuada que a apontada no ano anterior (-21,4%). De modo semelhante, o reajuste de 6,1% das mensalidades, em 2024, foi menor que o praticado em 2023 (7,6%).

TABELA 5
IPCA: serviços livres por segmentos
(Variação acumulada no ano, em %)

	Jan.-Mai./23	Jan.-Mai./24
Serviços totais	2,7	1,6
Serviços de Alimentação	2,9	2,0
Serviços Residenciais	2,0	2,2
Serviços de Transportes	-3,0	-7,7
Serviços Médicos	3,2	3,6
Serviços pessoais e de recreação	1,9	1,7
Serviços de Educação	7,1	5,8
Serviços de Comunicação	5,3	3,2

Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

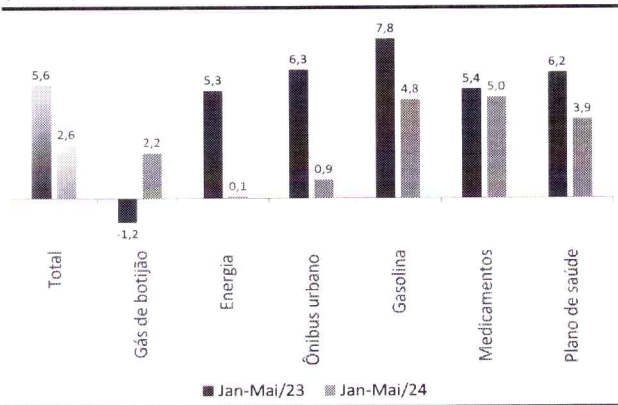
De maneira geral, os dados dos primeiros meses de 2024 não divergem da trajetória projetada para o ano, que conjuga uma leve aceleração dos preços dos bens industriais, a partir do segundo semestre, e a continuação do processo de desaceleração dos preços dos serviços, ainda que em ritmo reduzido. Sendo assim, no caso dos bens industriais, as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura do Ipea para este segmento foram mantidas em 2,1% no IPCA e em 1,9% no INPC.

Em relação aos serviços livres, nota-se que, embora os dados mais recentes de emprego e renda sinalizem um mercado de trabalho mais apertado, as expectativas para a inflação deste grupo foram revistas levemente para baixo, refletindo a desaceleração um pouco mais intensa dos serviços adjacentes, nos meses mais recentes. Desta forma, a inflação fechada para os serviços passou de 4,8% para 4,6% no IPCA e de 4,6% para 4,3% no INPC.

4 Inflação de preços monitorados

Em que pese o fato de que a desaceleração dos preços administrados já era prevista, este recuo vem surpreendendo favoravelmente, nos últimos meses, indicando que o processo de descompressão inflacionária deste segmento será ainda mais significativo que o estimado anteriormente. Com efeito, após encerrar 2023 com uma inflação acumulada em doze meses de 9,1%, a alta registrada em maio de 2024, nesta base de comparação, já havia recuado para 6,1%. Esta melhora no comportamento dos preços administrados se torna ainda mais evidente na comparação da inflação acumulada em 2024 relativamente à registrada em 2023. Os dados expostos no gráfico 10 revelam que a alta dos preços administrados nos cinco primeiros meses do ano é de 2,6%, ou seja, 3,0 p.p. abaixo da apontada neste mesmo período de 2023, sendo beneficiada, sobretudo, pelos reajustes bem mais amenos das tarifas de energia elétrica e de ônibus urbano.

GRÁFICO 10
IPCA: inflação de preços monitorados – variação acumulada no ano
(Em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A partir deste contexto, já marcado por uma inflação menor que a esperada nos primeiros meses de 2024, a expectativa de reajustes mais amenos para os planos de saúde aliada à baixa probabilidade da ocorrência de au-

mentos mais fortes para as tarifas de ônibus nos próximos meses – considerando as eleições municipais que estão para acontecer –, a projeção para os preços administrados também foi revista para baixo. Para o IPCA, a inflação projetada para 2024 recuou de 4,4% para 4,0%, enquanto para o INPC a taxa passou de 4,2% para 3,8%.



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Cristiano da Costa Silva

Debora Mesquita Pimentel

Felipe dos Santos Martins

Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão

Beatriz de Luna Barreto

Caio Rodrigues Gomes Leite

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Marcelo Guedes Pecly

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe de Administrativa:

Amanda Fernandes Tatagiba

Lidiane Santos de Souza

Aline Conceição Santos

Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
